

EDUCAÇÃO AFRODESCENDENTE: ENTRAVES E POSSIBILIDADES

ORTH, Mara Rúbia Bispo¹
Singor, Caroline²

RESUMO

O artigo expõe, inicialmente, uma breve contextualização da realidade dos afrodescendentes da cidade de Erechim/RS e, concomitantemente, um pequeno relato do trabalho desenvolvido no projeto Fundamentos Teórico-Metodológicos à Educação dos Afrodescendentes. Em seguida, são apresentadas definições dos termos “educação” e “afrodescendentes” com base nas idéias de autores como: Brandão, Durkheim e Libâneo. Destaca, também, sobre a realidade educacional dos afrodescendentes no país. Enfatiza a experiência realizada na Vila União onde foi realizado um trabalho diferenciado. Outra discussão e, talvez a mais importante, diz respeito aos entraves enfrentados pelos afrodescendentes na educação e na convivência social em geral e as possibilidades de superação. Com esses propósitos acredita-se contribuir para que haja universalização do acesso e permanência dos afrodescendentes na educação escolar, visando uma sociedade democrática, justa e igualitária.

Palavras-chave: Educação Afrodescendente. Realidades. Teórico-metodológico.

INTRODUÇÃO

O texto origina-se do projeto de extensão universitária, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus de Erechim/RS, pelo Programa PIEB, do Departamento de Ciências Humanas, na área de Educação que, a partir de 2002 vem realizando uma rede de intercâmbio entre a universidade e lideranças das comunidades negras e quilombolas. O trabalho inicial encaminhou a necessidade em se desenvolver atividades didático-pedagógicas para ressignificação crítica das práticas pedagógicas com base em estudo e reflexão críticos sobre os fundamentos teórico-metodológicos à Educação da História e Cultura afro-brasileira em escolas da rede pública de ensino com ênfase nos anos iniciais, tendo em vista a nova política educacional brasileira. Assim, com o propósito de se desenvolver uma mentalidade sobre a cultura negra na escola, bem como a historicidade do povo negro no Brasil, no Estado e na Região do Alto Uruguai acredita-se estar colaborando para o acesso e permanência desses, na escola. No momento atual, os esforços empreendidos

¹ Graduada em Pedagogia Orientação Educacional, Mestre em Educação pela UPF, Coordenadora e Professora do Curso de Pedagogia da URI-Campus de Erechim.

² Acadêmica do 6º semestre do Curso de Pedagogia e bolsista do Projeto de Extensão: Fundamentos teórico-metodológicos à educação dos afrodescendentes da URI-Campus de Erechim.

consistem em contribuir para uma reflexao sobre a problematizaçao, do acesso e permanencia dos afrodescendentes na escola formal, como tambem elucidar as implicações sociais e culturais de certas praticas pedagogicas, no que se refere a realidade escolar dos afrodescendentes.

Desse modo, as atividades desenvolvidas estao situadas junto a Secretaria Municipal de Educaçao (SME) – PM Erechim e 15ª Coordenadoria Regional de Educaçao (CRE) SE/RS. O proposito da parceria consiste em buscar respaldo a açao em escolas dos anos iniciais a fim de definir a concretizaçao do projeto, tanto no que diz respeito a espacos e tempo disponivel dos sujeitos educativos envolvidos na realizaçao do projeto, quanto aos encontros a serem realizados bem como o proposito de se efetivar dialogo com gestores das escolas para elaboraçaõ de cronograma das atividades a ser desenvolvido de forma conjunta, considerando a necessidade de encontros semanais bem como, a realizaçao de sondagens das necessidades e expectativas do grupo frente a tematica, das realidades de grupos afro-brasileiros na escola, visando estudo e reflexao critica sobre os dados colhidos.

Nesse sentido, objetivando conhecer as realidades dos afrodescendentes na rede pública de ensino municipal e estadual do município de Erechim/RS, buscamos focalizar a realidade sócio-cultural-educacional dos alunos afrodescendente matriculados nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, por meio da observaçaõ e pesquisa participante a luz do pensamento de Brandão (1993).

A escolha metodologica em Brandão surge em razao de que, por meio de observaçaõ e pesquisa participante, ha possibilidades em descobrir, não só dados concretos e objetivos da realidade étnica negra na escola, mas, tambem, em relaçaõ às situaçoes subjetivas manifestadas.

Nessa direçaõ, é que ousou-se propor sistematizar o tema “a educaçaõ afrodescendente: entraves e possibilidades” da seguinte maneira: Inicialmente trazem-se algumas definições dos termos educaçaõ e afrodescendente. Em seguida, expõem-se alguns aspectos históricos para, posteriormente, destacar a realidade dos afrodescendentes e finalmente, analisar a questao em torno dos entraves e possibilidades.

a) Compreensao dos termos educaçaõ e afrodescendente

O principio da educaçaõ como direito de todos, conduz a indagaçaõ sobre qual educaçaõ se deseja para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, igualitaria, solidaria

que respeite o direito de cada ser humano, independente da raça, cor ou etnia a que pertença. Compreende-se que uma educaçao de qualidade necessita de elementos que fundamentem a igualdade de oportunidade de acesso, permanência e sucesso escolar para todos, a fim de que se possa articular a educaçao como propulsora do desenvolvimento.

Como afirma Brandão,

Ninguém escapa da educaçao. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nos envolvemos pedacos da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias, misturamos a vida com a educaçao. (1993, p. 07)

Nessa perspectiva, a reflexao encaminha para a busca de compreensao sobre a que educaçao remete. Para Durkheim:

A educaçao é a açao exercida pelas geracoes adultas sobre as geracoes que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na crianca, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a crianca particularmente se destine (1978, p. 41).

Nessa perspectiva, pode-se então, afirmar a educaçao na concepção ambientalista, ou seja: “que joga no ambiente externo toda a força de atuação sobre o indivíduo para configurar a sua conduta às exigência da sociedade.” (LIBÂNEO, 2004, p. 76)

Porém, para Cunningham, educaçao é: “[...] um processo de crescimento e desenvolvimento pelo qual o indivíduo assimila um corpo de conhecimentos, demarca seus ideais e aprimora sua habilidade no trato dos conhecimentos para a consecução de grandes ideais.” (apud: LIBÂNEO, 2004, p. 76)

Em Libâneo, essa definição “concebe a educaçao como um processo interior o qual cada pessoa vai se aperfeiçoando, mas é necessária a adesão a verdades ensinadas de fora, que dizem como o homem deve ser.” (2004, p. 75). Portanto, é uma concepção espiritualista.

Por outro lado, Dewey (apud LIBÂNEO, 1979, p. 93), explana:

A educaçao não é a preparaçao para a vida, é a própria vida (...). A educaçao é uma constante reconstrução ou reorganizaçao da nossa experiência, que opera uma transformaçao direta da qualidade da experiência, isto é, esclarece e aumenta o sentido da experiência e, ao mesmo tempo, nossa aptidao para dirigirmos o curso das experiências subseqüentes.

Nesse pensamento, considera-se que a afirmativa na concepção pragmática “concebe a educação como um processo imanente ao desenvolvimento humano, cujo resultado é a adaptação do indivíduo ao meio social.” (LIBÂNEO, 2004, p. 75)

Assim sendo, depreende-se, educação é algo que ninguém pode tirar ou roubar, e também, que ela é construída no meio social, familiar, cultural, histórico a que está condicionada. Para quem é descendente de classes menos favorecida socialmente, adquire e convive com uma cultura dominante considerada, alheia à convivência em sociedade. Isso por que existe a idéia de que os povos negros, vindos da África, e seus descendentes, não sabem trabalhar, não podem ser membros de uma sociedade “civilizada”. Já que são considerados, pela classe dominante, sem condições culturais, intelectuais e dignos de convivência social, ou seja, de relacionarem-se com as pessoas ditas “superiores”.

Essa linha de pensamento leva a buscar a compreensão sobre o significado do termo afrodescendente. Impre-se, pois, que a palavra afrodescendente possui uma conotação lingüística e social. Na conotação lingüística-semântica destaca-se que ela é uma palavra composta [de afro + brasileiro], ou seja, “relativo ou pertencente à África e ao Brasil. Pertencente ou relativo à cultura dos afro-brasileiros. Brasileiros descendentes dos africanos negros”. (AURÉLIO, 1999). Observa-se assim, que somente no final da década de 80 e início da década de 2000 é que essa palavra vem sendo disseminada na sociedade. Anterior a esse período, a linguagem dominante era de “negro”, “preto”, “brasileiro”, “moreno”, “mulato”, “mestiço”, entre outras denominações. Essa cultura lingüística dominante denota “racismo” existente no quadro social brasileiro, pelo fato de que induz à exclusão e à omissão da realidade brasileira. Essa situação vem se traduzindo em desigualdade social, impregnada de negação do “ser humano”, ou seja, para a sociedade dominante, o humano é um ser branco-europeu. O que significa ter atitudes, comportamento, habilidades da cultura européia. Em outras palavras, isso se traduz em negação de uma identidade humana e histórica na constituição do povo brasileiro.

b) Aspectos históricos:

Quando se reflete a formação do povo brasileiro³, e, por esse viés cabe pensar a realidade dos afrodescendentes, é importante que se tenha a consciência de que o objetivo dos espanhóis e portugueses na América era a exploração econômica das terras, visando um comércio lucrativo para as nações européias a fim de que se entenda a escravidão no território brasileiro, a partir períodos de colonização e imperial, no Brasil.

Foi em tempos de cultura da cana-de-açúcar que se gerou a mão-de-obra escrava. Os índios, como os primeiros a serem escravizados, não mais satisfaziam às expectativas e logo foram substituídos pelos negros africanos. A partir daí, criaram o ditos “navios negreiros”. Para isso, é importante conhecer os fatos que contribuíram e favoreceram o tráfico negreiro que também proporciona lucros enormes, enriquecendo os comerciantes e a coroa portuguesas.

Os negros, ao serem “raptados” para nosso país, aos milhares, e comprados e vendidos como animais eram tratados pelos seus “senhores” como animais irracionais. Além do trabalho nos engenhos de açúcar, também cultivaram os produtos de subsistência (mandioca, milho, feijão, hortaliças[...]); cultivo do algodão para a sociedade colonial. No ciclo do café e da mineração, produziram o desenvolvimento do país. Ainda que alguns desenvolvessem atividades domésticas e em alguns trabalhos serviços dos senhorios da cidade. Através desses trabalhos, os negros garantiam uma vida fácil para seus senhores, isto é, eram as “mãos e os pés do senhor de engenho”.

Em suma a força de trabalho escravo era o que garantia a produção, de um modo geral, no período do Brasil Império. Ao mesmo tempo em que garantiam aos seus senhores o enriquecimento fácil e rápido, tinham suas vidas ‘roubadas’ pelos trabalhos árduos e penas cruéis que lhe eram impostas. Sua única paga era o direito a uma mísera alimentação, o que possibilitou sobrevivência (quase) à míngua.

Já no Rio Grande do Sul, a colonização originada pelos descendentes de africanos, inicia no século XVIII, quando o Estado passa a produzir trigo e charque para o mercado interno brasileiro. Mas foi na charqueada que, a mão-de-obra negra escravizada se tornou a fonte de trabalho essencial. As charqueadas eram estabelecimentos que fabricavam carne seca e salgada (o charque).

Para Pesavento(1988)

³

Veja Darcy Ribeiro In: Formação do povo brasileiro.

“A charqueada gaúcha era conhecida como o “purgatório dos negros”, tal dureza das condições de trabalho dos escravos. Na charqueada, os negros trabalhavam em diversas tarefas: no abate do gado, no esfolamento dos animais e na sua carnação, no empilhamento e salgação dos pedaços, no secamento ao sol das “mantas” de charque”. (1988, p.10)

As charqueadas possuíam, em média, 100 escravos e, em Pelotas(RS), foi a que mais concentrou escravos negros em suas atividades com o charque. Mas o negro no Rio Grande do Sul trabalhava também, nas estâncias. Suas tarefas, entre outras, consistiam em cuidado do rebanho. A forma com que eram tratados não diferenciava das charqueadas. “A conhecida lenda do “negrinho do pastoreio”, retrata muito bem a violência praticada contra os escravos, na estância gaúcha”. (PESAVENTO, 1988, p.11)

Nesse quadro, foi que em 1908 originou-se o povoado de Paiol Grande, ocupado inicialmente por trinta e seis pioneiros, entre imigrantes europeus e outros vindos das terras velhas(Caxias do Sul), pela estrada de ferro que ligava Rio Grande do Sul a São Paulo. As quatro etnias que aqui se instalaram foi a alemã, italiana, polonesa e israelita que vinham em busca de uma vida melhor.

Em 1918, através do decreto nº 2343, de 30 de abril, deixou de ser Distrito de Passo Fundo, tornando-se Município. Inicialmente, chamado de Paiol Grande e, depois, Boa Vista, Boa Vista de Erechim, José Bonifácio e, finalmente, Erechim.

O Município de Erechim passa a ter um forte caldeamento de raças. A história mostra que houve escravos em Passo Fundo e muitos desses e seus descendentes fugiram para o Alto Uruguai. A presença de negros em Erechim é ainda anterior à vinda dos imigrantes europeus em 1910, ou mesmo dos imigrantes das terras velhas.

As descobertas realizadas por historiadores e pesquisadores, demonstram que a história dos afrodescendentes da Região do Alto Uruguai do Estado do Rio Grande do Sul⁴, especialmente do Município de Erechim, não se diferencia da história brasileira, porém, destacamos a existência de algumas dificuldades e obstáculos para tratar dessa questão, junto a educadores de maneira geral. Isso possibilita afirmar que as manifestações e representações apresentadas por professores e alunos durante esse processo, demandam atividades pedagógicas com foco sobre os fundamentos teórico – metodológicos à educação

afrodescendente tendo em vista as exigências social, educacional e econômica, bem como a do sistema Nacional de Educação.

c) Realidade dos afrodescendentes

Os dados estatísticos com que trabalha a sociedade e a forma como ela distribui renda e oportunidades já demonstram e apresentam o quanto o negro é discriminado. Ao se pensar a realidade educacional, o número de alunos negros nas Redes Públicas de Ensino Municipal e Estadual, em nosso país, constata-se o nível de desigualdade e exclusão social. Esses dados estatísticos são generalizados, não informam sobre onde e como vivem, até mesmo quando esses não informam sobre a origem e destinatório deles.

Os dados recentes oferecidos pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) e IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística), informam que,

Tabela por Raça/Cor Número de matrículas por nível de ensino

	Ensino Fundamental	Educação Infantil	Médio e Médio Integrado	Educação Profissional	Educação Especial	EJA Presencial	Total
Branca	11.222.020	2.936.430	3.132.393	300.282	164.685	1.150.112	18.905.922
Preta	2.643.490	513.182	754.204	42.665	31.530	532.750	4.517.821
Parda	13.260.194	2.494.774	3.164.413	137.604	112.812	1.933.114	21.102.911
Amarela	422.318	100.072	118.747	7.219	3.342	53.725	705.603
Indígena	271.339	41.823	47.421	2.036	1.317	35.209	399.145
Não Declar.	5.710.466	1.118.393	1.815.142	215.822	64.207	916.323	9.840.353
Total	33.529.827	7.204.674	9.032.320	705.628	377.893	4.621.233	55.471.755

Fonte: INEP/2005

Estes dados, remete à compreensão de que a realidade educacional dos afrodescendentes encontra-se num total de 7.204.674 alunos em educação infantil 41,7% são negros e pardos (subjetivamente negros); um total de 33.529.827 de alunos no ensino fundamental 47,4 % são negros e pardos; num total de 9.032.320 de alunos no ensino médio 43,4% são negros e pardos; num total de 705.628 de alunos da educação profissional 25,5%

são negros e pardos; num total de 377,893 de alunos na educação especial 38,2% são pretos e pardos; num total de 4.621,233 na educação de jovens e adultos (EJA) 53,3% são pretos e pardos e num total de alunos matriculados em todos os graus de ensino 46,2% são alunos pretos e pardos. Isso conduz à compreensão de que quanto mais alto o nível do grau de ensino, menor o número de alunos afrodescendentes. A participação dos educandos só aumenta na EJA (Educação de Jovens e Adultos), talvez seja em função de que essa modalidade de ensino possui, como princípio, a equalização social. Isso que dizer que é preciso alfabetizar os excluídos educacional e socialmente para que se atenda a justiça social. Outro fato interessante diz respeito à Educação Profissionalizante. Embora a população negra esteja no patamar de força produtiva do trabalho, o nível de qualificação profissional dela encontra-se muito reduzido.

Essa realidade se confronta com o período em que se trabalhou no Núcleo Recreativo Santo Agostinho. Isso por que, ao se realizar a sondagem sobre a presença dos afrodescendentes, percebeu-se que a maioria das crianças atendidas, é de origem afrodescendente, com situação sócio-econômica, educacional, emocional e escolar em nível gritantemente e preocupante.

Isso encaminha à afirmação de que a maioria dos afrodescendentes estão localizados, nas periferias e com insuficiente condições de vida, de escolaridade e também com suas emoções abaladas por causa das discriminações que vêm sofrendo, o que denuncia a desigualdade social. Em Erechim - RS, os afrodescendentes estão na periferia do município, como é o caso, da Vila União. Nesta vila, constou-se que o quadro apresentado não difere das demais regiões brasileiras, como se verá a seguir.

Situação sócio-econômica

A grande maioria da população que reside nas proximidades da instituição, na Vila União, não possui condições de moradia, saúde, água e esgoto, entre outras. Moram em casas mal construídas, em terrenos invadidos, à beira da linha ferroviária desativada. Algumas casas sequer possuem assoalho e os moradores vivem no chão batido. Percebe-se que muitas das crianças não têm realmente, em suas casas, alimentos de espécie alguma, pois se dirigem ao núcleo apenas na hora do lanche. São famílias com número elevado de filhos e, em grande parte delas, apenas um dos adultos trabalha mas com salário baixíssimo.

Situaçao educacional

Nesse grupo social, a educaçao que acontece de forma dominante, e a assistematizada vivenciada pelo grupo. Atraves do seu grupo social e cultural, aprendem e ensinam habitos, atitudes, comportamentos, historicamente dominantes em seus grupos. Seus familiares sao analfabetos ou semi-analfabetos.

Situaçao emocional

Sao criancas que apresentam comportamentos e atitudes de agressividade e rebeldia. Essa questao foi possivel perceber atraves de suas falas e de suas atitudes. Talvez seja pelo fato de que nao aceitam as formas de comportamento e atitudes na sociedade dominante. Vimos que, por diferentes motivos, elas se agredem com palavras ou fisicamente. Outro fato e o de que algumas criancas apresentaram preocupacoes com os familiares que permanecem isolados da vida social em casa, pois, inumeras vezes solicitavam a merendeira autorizaçao para levar o lanche que sobrava.

Assim, infere-se que a maioria das criancas esta de alguma forma, emocionalmente abalada, a medida em que convivem com situacoes de fome, desprezos, assassinatos, crueldades de toda ordem. Logo, precisam de carinho, de atençao, de um "colo", de brincadeiras sadias de acordo com a etapa da vida em que se encontram. Esses fatos tambem acontecem por que muitos tem que ajudar seus pais a catar lixo pelas ruas a fim de conseguir o que comer.

Situaçao escolar

As criancas do Nucleo possuem idade escolar para frequentar a escola da Rede Publica de Ensino. Destaca-se, no entanto, que apenas um caso de um menino de oito anos de idade nao tinha ido a escola e, em consequencia, nao sabia ler nem escrever. Existem ainda varios casos em que as criancas que ainda nao possuem idade escolar frequentam a creche da rede publica.

Essa situacao remete ao fato de que as criancas afrodescendentes estao e vivem em um mundo muito diferente, ou seja, alheio a realidade social e ao imaginario de escolas e profissionais da educaçao. Vivem em um mundo que necessita de um pouco mais de atençao, respeito e dignidade a fim de que encontrem sua propria identidade. E com isso, tornam-se capazes de criar e viver sua propria historia.

d) Entraves e possibilidades

Perante a lei, somos todos iguais, sem distinção de raça, cor e etnia, com os mesmos direitos e deveres. Mas, na realidade, no convívio em sociedade, não há essa mesma concepção, pois são tantos os obstáculos e preconceitos que o povo negro enfrentou e, ainda hoje enfrenta, em pleno século XXI, o que determina sua convivência e sua forma de ser em sociedade.

Pode-se dizer que esses entraves encontram-se no âmbito econômico, educacional, social e antropológico.

No que se refere ao econômico encontra-se a situação de os descendentes africanos, em sua grande maioria, viverem nas periferias, sem condições de habitação, ou seja, sem luz elétrica, sem esgoto e água encanada, vivendo em casebres feitos de compensado, ou ainda, na rua, sem um teto para se abrigarem. Essa situação acontece devido às precárias condições econômicas, pois, muitas vezes, não conseguem emprego por uma exigência da sociedade: a boa aparência, ou seja, precisa sobre tudo, ser branco. Com isso, a maioria dos afrodescendentes trabalha como catador de papel ou auxiliar de pedreiro. Trabalho esse que, não remunera o suficiente para o sustento de toda a família.

Essa questão leva muitas crianças em idade escolar a acompanharem seus pais no trabalho, a fim de possibilitar o aumento na renda familiar, ocasionando assim, a evasão escolar e a repetência, como afirma Menezes,

De acordo com dados fornecidos por órgãos de pesquisa como a Pnad – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – é observado um contingente expressivo de uma trajetória escolar difícil, em que 40% das populações negras e pardas são analfabetas, ou seja, possuem menos de quatro anos de estudo funcional, acompanhado de um baixo rendimento, e índices de reprovação e evasão maiores do que as crianças brancas(2002,p.09)

O que se registra com as crianças, também acontece com seus pais. A grande maioria não possuem maturidade para assumir a paternidade, Vivem na perspectiva de que o mais importante é ter o alimento para seu sustento. Quanto à escola, esta fica em planos emergenciais. Acredita-se também, por isso o nível baixo de escolaridade da maioria dos afrodescendentes além da discriminação que ocorre em sala de aula. Nesse sentido, Lúcia (2005, p.2) revela: “[...] há um número elevado de crianças negras que estão sendo excluídas da sala de aula por uma descrença na sua capacidade de aprendizagem, descrença está,

vinculada a um mecanismo de discriminação negativa e preconceituosa presente no imaginário social”

Com isso, percebe-se, que a grande maioria dos afrodescendentes encontra-se em escolas públicas e localizadas nas periferias. Hasenbalg (apud Lúcia 2005,p.1) afirma que: “[...] se faz presente em nosso sistema de ensino público um mecanismo de recrutamento, onde as crianças negras são encaminhadas para as escolas mais pobres, por sua condição de classe e pelo estigma da cor.”

Isso significa que a condição educacional dos afrodescendente é afetada por todo o preconceito existente na sociedade. Acredita-se que um ambiente onde essa questão deveria ser tratada com carinho e respeito é muitas vezes pincelada, ou até mesmo deixada de lado. Nisso Menezes (2002,p.08) coloca: “[...] acredita-se que o espaço institucional “proporcionará” um campo de crescimento eqüitativo para todos os que usufruem os seus serviços, aperfeiçoando suas atribuições pessoais e, a partir de então , propiciará um acesso à vida em sociedade.”

Entretanto, a participação, integração e a convivência em sociedade, muitas vezes, não é algo que cativa a maioria do povo negro, pelo seguinte aspecto: ninguém, independente de cor, raça, etnia ou religião gosta ou sente-se bem quando há rejeição por parte da sociedade, ou seja, quando é visto de maneira desconfiada, antinatural. Isso acontece com mais frequência com relação ao afrodescendente, pois na grande maioria, pertencem a classe econômica baixa. Dessa, maneira é possível depreender que a população afra convive no seu bairro, especificamente onde não há diferenciação, e sim, todos se igualam, é a busca de referência.

Além dos entraves já citados acima, outro obstáculo que o afrodescendente enfrenta no seu dia-a-dia é o antropológico, cultural e social. Existem conflitos pela aceitação e inserção de uma nova cultura e de outras culturas em relação à afrodescendente. Essa é considerada, por muitos, uma marginalidade que traz desordem que desacomoda a organização do sistema. Não há inserção social dessa cultura, na sociedade.

A sociedade, infelizmente, requer um padrão de população, e esta, se desejar ser bem aceita, deve seguir o que foi estabelecido. Esse padrão é o de que haja somente uma cultura, ou seja, todos se igualem. Na verdade, a igualdade conduz à monotonia, sem graça, vazio, da mesma forma que é inócuo conhecer somente um modo de viver, de se vestir ou desconhecer tipos de comida e de religião. Acredita-se que é de grande importância que a sociedade seja

constituída de diversas culturas, inclusive, a africana que é tão negada, pois, assim, será possível considerar que existe uma sociedade rica. Rica não em dinheiro ou em bens materiais, mas sim, em conhecimento, hábitos e costumes.

Com a nova Lei da Educação, lei nº 9394/96, estão ocorrendo algumas alterações significativas e importantes para a população brasileira em geral, especialmente, no que se refere à população afrodescendente. Através da Lei nº 10693/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica. Acredita-se que, através dela, será possível que instituições de ensino e seus educadores busquem adquirir mais conhecimento com relação ao povo negro, povo este que sofreu mais de 300 anos em poder dos senhores de engenho. Esse recurso possibilita conhecer muito mais do que consta nos livros, ou seja, o negro era escravo; trabalhava nos canaviais; vivia em senzalas; comia restos; e que os negros “fujões” constituíram os quilombos.

Muitas vezes, esse conhecimento é passado aos educandos de uma maneira distorcida àqueles que buscam a aprendizagem da cultura afro. Percebe-se que, ao trabalhar com a cultura afrodescendente, há a necessidade de se revitalizar conceitos sobre fraternidade, solidariedade e justiça.

A educação afrodescendente no cotidiano escolar pode apresentar um melhor resultado se, no contato entre o educando e a Cultura e História da África, for realizado, de maneira pacífica, um processo de solidariedade, fraternidade e diálogo. Observemos o que Menezes (2002) coloca: “o espaço institucional poderá proporcionar discussões verticalizadas a respeito das diferenças presentes, favorecendo o reconhecimento e a valorização da contribuição africana, dando maior visibilidade aos seus conteúdos até então negados pela cultura dominante”. Desse modo, as crianças brancas compreenderão melhor a importância da história e cultura dos afros, percebendo que não há o porquê de discriminar e desrespeitar os descendentes de africanos, dando oportunidade às crianças negras de conhecerem a si mesmas, reconstruindo a sua identidade e auto-estima desgastada pelos conflitos de etnias. Menezes nos propõe que:

O processo educativo pode ser uma via de acesso ao resgate da auto-estima, da autonomia e das imagens distorcidas, pois a escola é o ponto de encontro e de embate das diferenças étnicas, podendo ser instrumento eficaz para diminuir e prevenir o processo de exclusão social e incorporação do preconceito pelas crianças negras.(2002, p. 12)

É com um programa de formação contínua dos educadores para trabalhar e intervir no que se refere à discriminação racial que, aos poucos, será possível ter um convívio e formação de uma sociedade sem preconceito. Quanto ao conteúdo de História e Cultura da África, desenvolvido em escolas, torna-se necessário que haja troca de saberes e sem imposição de conceitos, para possibilitar o reconhecimento da sua identidade como descendente de africano, já que a educação é uma das base para uma sociedade igualitária.

Constata-se, no entanto, que infelizmente, os afros, em sua grande maioria, são da classe econômica baixa, mas, também, sabemos que há possibilidade dessa situação, aos poucos, ser revertida, ou seja, é responsabilidade dos governos não esquecer de que eles também são cidadãos com os mesmos direitos que os demais. Com isso, dever-se-ia investir mais na melhoria da habitação, fazendo com que haja melhor qualidade de vida a essa parcela significativa da população. Também a criação de novos empregos com igualdade de salários, faz-se imprescindível, pois sabe-se que o negro recebe em média 60% menos que o branco. Dessa forma, possibilitaria, à população negra melhor condições na educação, assim, conseqüentemente, chances de concorrer a uma vaga no mercado de trabalho, que originaria aquilo que estudiosos rotulam como igualdade social.

Considerações finais

Essas possibilidades apresentadas podem fazer com que se realize o sonho dos que sofrem com a desigualdade social: os menos favorecidos; o sonho da sociedade mais igualitária. Uma sociedade onde não exista tanto preconceito em relação aos pobres, negros, e outras formas de exclusão. Onde sejamos capazes de vermos uns aos outros como irmãos e filhos de Deus.

Nesse sentido, indagamos-nos sobre a possibilidade de, algum dia, este sonho tornar-se realidade ou continuará sendo apenas um simples sonho? Esta é uma questão que várias vezes nos inquieta, pois há muito tempo essa luta vem acontecendo e poucos resultados realmente significativos tem se concretizado, apesar de vivermos numa sociedade que se diz democrática.

Afinal o povo brasileiro é um povo que não desiste nunca e possui, em seu interior, a esperança de alcançar um país melhor. Também nós acreditamos que, com base na esperança tão exaltada por Paulo Freire possamos, fazendo nossa parte enquanto educadores, ajudar a

fazer da nossa realidade e a do nosso país cada vez mais justa, mais alegre e sem preconceitos. Aqui, de modo especial, para com o povo afrodescendente.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação? São Paulo: Brasiliense, 1993.

CANDAU, Vera (org). Somos tod@s iguais? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos para que? São Paulo: Cortez, 2004.

LÚCIA, Vanda. O racismo e o desempenho escolar de crianças negras. Acessado in: www.anped.org.br/28/gt21.htm

MENEZES, Valéria. O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola. Acessado in:

SODRÉ, Muniz. Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.